



remaa

## Do Rio Grande às Missões: vivências etnográficas junto à Tekoa Y'yrembé através da produção de um curta-metragem documental

Leonardo Leite da Cunha<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0910-9099>

Gianpaolo Knoller Adomilli<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8370-2267>

**Resumo:** Neste escrito, compartilho minha vivência junto ao povo Mbya desde a Tekoa Y'yrembé, localizada na praia do Cassino em Rio Grande-RS. Y'yrembé, no idioma guarani significa “beira-mar”. Nesta ocasião, produzimos o curta documental “Y'yrembé: Das Missões ao Rio Grande”, lançado em 14 de dezembro de 2024, através da colaboração entre a Tekoa Y'yrembé e a produtora Fuzzz Lab. O curta documenta a caminhada que o cacique Eduardo Werá Ortis e Diana Pará'i Santa Cruz, junto de seus filhos, empreenderam até chegar ao município rio-grandino. Também, abordamos alguns temas a partir da cultura Mbya-Guarani, tais como espiritualidade, produção alimentar e artesanal, resistência e preservação cultural frente às catástrofes ambientais e à sociedade envolvente. Este foi o princípio de minha inserção no trabalho de campo junto à aldeia. Busco descrever de que forma esta aproximação, através da produção do curta-metragem, atravessou a formatação de minha pesquisa etnográfica junto ao povo Mbya, considerando ambos os processos enquanto construções coletivas, nas quais a própria caminhada e as interações experienciadas estão tecendo a pesquisa e a vida.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental e Etnografia; Saberes Tradicionais e Contra Hegemônicos; Cinema e Cultura Mbya-Guarani.

### De Rio Grande a las Missões: experiencias etnográficas con la Tekoa Y'yrembé a través de la producción de un cortometraje documental

**Resumen:** En este artículo, comparto mi experiencia con el pueblo Mbya de Tekoa Y'yrembé, ubicado en la playa de Cassino en Rio Grande-RS. Y'yrembé, en lengua guaraní significa “orilla del mar”. En esta ocasión, producimos el cortometraje documental “Y'yrembé: Das Missões ao Rio Grande”, estrenado el 14 de diciembre de 2024, a través de la colaboración entre Tekoa Y'yrembé y la productora Fuzzz Lab. El cortometraje documenta el viaje

<sup>1</sup> Doutorando em Educação Ambiental – PPGEA. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Bolsista CAPES-PDPG. leonardolcunha@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social – UFRGS. Docente no PPGEA e ICHI da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. giansatolep@gmail.com.

que el cacique Eduardo Werá Ortis y Diana Pará'i Santa Cruz, junto con sus hijos, emprendieron para llegar al municipio de Rio Grande. También, abordamos algunos temas de la cultura Mbya-Guaraní, como la espiritualidad, la producción alimentaria y artesanal, la resistencia y preservación cultural frente a las catástrofes ambientales y la sociedad circundante. Este fue el comienzo de mi participación en el trabajo de campo en el pueblo. Intento describir cómo este enfoque, a través de la producción del documental, influyó en el formato de mi investigación etnográfica con el pueblo Mbya, considerando ambos procesos como construcciones colectivas, en las que el propio camino recorrido y las interacciones vividas van tejiendo la investigación y la vida.

**Palabras clave:** Educación Ambiental y Etnografía; Saberes tradicionales y contrahegemónicos; Cine y Cultura Mbya-Guaraní.

## **From Rio Grande to Missões: ethnographic experiences together with the Tekoa Y'yrembé through the production of a short documentary film**

**Abstract:** In this article, I share my experience with the Mbya people from the Tekoa Y'yrembé, located on Cassino beach in Rio Grande-RS. Y'yrembé, in the Guarani language, means "seaside". On this occasion, we produced the short documentary "Y'yrembé: Das Missões ao Rio Grande", released on December 14th 2024, through the collaboration between Tekoa Y'yrembé and the production company Fuzzz Lab. The short film documents the journey that Eduardo Werá Ortis and Diana Pará'i Santa Cruz, with their children, made to reach the municipality of Rio Grande. We also address some themes from the Mbya-Guarani culture, such as spirituality, food and handmade production, resistance and cultural preservation in the face of environmental catastrophes and the surrounding society. This was the beginning of my involvement in the fieldwork with the village. I seek to describe how this approach, through the production of the short documentary, influenced the formatting of my ethnographic research with the Mbya people, considering both processes as collective constructions, in which the journey itself and the interactions experienced are weaving together the research and life.

**Keywords:** Environmental Education and Ethnography; Traditional and Counter-hegemonic Knowledge; Cinema and Mbya-Guarani Culture.

### **Introdução: o primeiro passo**

Este trabalho é uma partilha de minha experiência etnográfica vivida junto ao povo Mbya-Guarani, entre setembro de 2023 e dezembro de 2024, enquanto estive envolvido na produção de um audiovisual na aldeia Tekoa Y'yrembé (Y'yrembé, 2024), no bairro Cassino, no município de Rio Grande, RS. Este engajamento se deu inicialmente em meio à busca por iniciar um trabalho de campo junto aos Mbya, por ocasião de minha pesquisa de Tese de Doutorado em Educação Ambiental acerca dos saberes tradicionais indígenas. A Tekoa Y'yrembé é uma comunidade indígena Mbya-Guarani costeira do extremo-sul brasileiro que contava, na época, com vinte e dois membros, entre anciãos, adultos e crianças. Neste ambiente, notadamente marcado pela presença dos eucaliptos e das caturritas do litoral cassineiro, tive minhas primeiras imersões etnográficas e presenciei diversos fazeres cotidianos desta cultura originária. Minha intenção é expressar alguns pontos sobre o modo que esta vivência impactou em meu aprendizado e em meus interesses de pesquisa junto aos

Mbya. Minha principal referência neste processo foi o convívio junto ao cacique Eduardo Werá Ortis.

Os primeiros contatos que tive com o cacique Eduardo foram nas ruas do Cassino e se limitavam a saudações de cumprimento. Certa vez, o abordei e comentei sobre a intenção de realizar minha pesquisa junto ao povo Mbya, considerando a aderência de temas em Educação Ambiental em relação aos saberes tradicionais indígenas preservados na cultura Mbya-Guarani, abordados, anteriormente, em pesquisas realizadas junto ao Núcleo de Estudos e Saberes Costeiros e Contra Hegemônicos da Universidade Federal do Rio Grande (NECO/FURG). Esta proposta inicial foi acolhida por Eduardo Werá, que me convidou a conhecer a aldeia, tomar um mate e conversar. Tendo ocorrido este primeiro diálogo, ainda tivemos outros encontros na rua, nos quais eu sempre afirmava que ia aparecer, embora não tomasse essa iniciativa de fato.

Em verdade, me sentia um pouco inseguro no que diz respeito ao fazer etnográfico e ao conhecimento da vasta bibliografia etnológica sobre os Mbya-Guarani, que é uma imensidão à parte. Isto adiou em algumas semanas minha primeira visita à aldeia. Me ocorria algo semelhante ao que Roy Wagner (2010) descreve com excelente precisão na obra “A invenção da cultura”, no primeiro capítulo:

A despeito de tudo o que possam ter-lhe dito sobre o trabalho de campo, a despeito de todas as descrições de outras culturas e de experiências de outros pesquisadores que ele possa ter lido, o antropólogo que chega pela primeira vez em campo tende a sentir-se solitário e desamparado. Ele pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar sua língua, mas permanece o fato de que como pessoa ele tem de começar do zero. É como uma pessoa, então, como um participante, que começa sua invenção da cultura estudada. Ele até agora experimentou a "cultura" como uma abstração acadêmica, uma coisa supostamente tão diversa e tão multifacetada, e, no entanto, monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ou visualizá-la. Mas, enquanto ele não puder "ver" essa cultura em torno de si, ela lhe será de pouco conforto ou utilidade (Wagner, 2010, p. 31).

Esta situação inicial foi completamente transformada quando um amigo, que realizava algumas visitas junto à Tekoa Y'yrembé, me contactou informando que o cacique Eduardo estava à procura de apoio na escrita de um projeto cultural para inscrevê-lo no edital da lei Paulo Gustavo. Para Ingold (2015),

No caminhar pelo labirinto, por outro lado, escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir. Como o caçador que persegue um animal ou um andarilho numa trilha, é importante manter os olhos abertos para sinais sutis – pegadas, pilhas de pedras, entalhes nos troncos das árvores – que indiquem o caminho adiante (Ingold, 2015, pp. 25-6).

De imediato, reconheci nesta oportunidade a possibilidade de me aproximar da comunidade com um propósito melhor direcionado em termos de ter algo a contribuir em troca de sua acolhida.

Deste modo, nas próximas páginas, irei contar sobre o processo da produção do curta documental, e de que forma este contexto vivido repercutiu nos atravessamentos etnográficos pertinentes à minha pesquisa em educação ambiental. Vou desde o ato da escrita do projeto para a inscrição no edital cultural, passando pela elaboração do roteiro e sua execução no ato dos registros, até chegar ao lançamento do audiovisual e sua divulgação junto ao público e aos meios de comunicação interessados.

## **Primeiro contato imediato na Tekoa Y'yrembé: nós em pingo d'água**

Minha primeira visita à Tekoa Y'yrembé ocorreu em setembro de 2023, em meio às densas chuvas daquele mês no estado do Rio Grande do Sul. O cacique Eduardo, como é conhecido pelos *juruá* (brancos, não-indígenas), principalmente entre professores e estudantes da FURG e trabalhadores da cultura no município, me recebeu em um princípio de noite chuvosa para conversarmos sobre a possibilidade da inscrição no edital. Nesta ocasião, dialogamos bastante acerca de diversos assuntos, além dos temas de interesse mais imediatos como o edital da cultura e também minha etnografia, que comentarei mais adiante. Trocamos diversas impressões sobre a sociedade envolvente dos *juruá*, ou não-indígenas, as questões climáticas emergenciais, política e espiritualidade; compartilhamos sobre nossa vida cotidiana, criação dos filhos, andanças e subsistência, entre outros. Não me estenderei sobre estes temas porque demandaria alguns capítulos a parte, cito-os porquê são temas que foram e continuam sendo constantes em minhas interações com o cacique Eduardo.

De volta ao edital, Eduardo Werá tinha o objetivo prioritário de se inscrever na categoria curta-metragem. Seu propósito, em suas palavras, era “mostrar a realidade e a cultura Mbya”, tanto para os *juruá* quanto, principalmente, para os seus descendentes,

através do audiovisual e conseguir o apoio do financiamento destas atividades pelo recurso do edital. A esta altura, havia lido algumas produções sobre os Mbya-Guarani, da antropóloga Elizabeth Pissolato, e, nesta conversa, lembrei de um trecho sobre as relações dos caciques com outros membros da aldeia e com os *jurua*, relacionando ao que estava experienciando ali. Segundo Pissolato (2016),

Esse princípio de reciprocidade parece também valer para formas econômicas contemporâneas de captura de recursos, que, em sua maioria compreendem a participação de agências e/ou agentes do mundo *jurua* – os brancos. Refiro-me às cestas básicas recebidas nas aldeias, recursos em dinheiro originados de projetos, doações de itens como roupas, cobertores, etc. Se tais formas são propostas e organizadas no nível da aldeia, onde o cacique – seu núcleo familiar – assume o papel de principal mediador com as instâncias externas (*jurua*) e controla, por sua vez, a recepção e destino dos recursos, espera-se de quem ocupa tal função a capacidade de distribuir com generosidade tais recursos (Pissolato, 2016, pp. 110-1).

Nesta mesma época, tinha revisto o filme “Bicicletas de Nhanderú”, referência do cinema Mbya-Guarani, e fiquei admirado com a profundidade daquela produção em termos de documentar e comunicar sobre o contexto socioambiental e a dimensão da espiritualidade Mbya-Guarani manifestas no cotidiano da Tekoa Ko’enu, em São Miguel das Missões, RS. Isto me permitiu compreender esta ênfase inicial do cacique Eduardo nos termos de documentar a realidade e a cultura Mbya-Guarani. Estava em pleno acordo com esta perspectiva, não havia sentido na possibilidade de atentar sobre quaisquer aspectos da cultura e da cosmologia Mbya-Guarani sem que estes estivessem documentados a partir das condições socioambientais e existenciais experienciadas no cotidiano pelos integrantes da *tekoa*. Todavia, primeiramente, preferi ouvir o que o cacique Eduardo tinha a dizer sobre o projeto, e me contive em não opinar.

Eduardo comentou que o audiovisual deveria servir como um registro da cultura e do modo de vida Mbya-Guarani para as próximas gerações, principalmente, para seus filhos e demais parentes da *tekoa*. Sua fala demonstrava preocupação com a preservação do patrimônio cultural Mbya, bem como com o fortalecimento de estratégias de enfrentamento em relação às condições socioambientais futuras. Em seguida, me contou sobre a trajetória que eles fizeram para chegar ao município de Rio Grande, RS. O relato do cacique me remeteu aos estudos e debates em educação ambiental que eu vinha acompanhando no NECO-FURG

sobre a perspectiva educacional da caminhada na obra de Tim Ingold (2015), e, igualmente aos trabalhos de colegas do mesmo grupo junto ao povo Mbya, trazendo a referência etnográfica sobre o *jeguatá* (nossa caminhada), viés fundamental da cosmovisão e do modo de ser Mbya-Guarani (Oliveira, 2021; Martello, 2023). Também, acompanhei este, e outros debates, nas aulas de Etnologia Indígena, do curso de Arqueologia da FURG, ministradas pelo Mártin Cesar Tempass, onde, muitas vezes, quase monopolizei a aula perguntando sobre os Mbya-Guarani.

Neste contexto do diálogo, sugeri que o documentário poderia trazer a história da *tekoa*, articulando-a com temáticas presentes no repertório conceitual presente nos estudos antropológicos sobre a cultura Mbya-Guarani, por exemplo, o *jeguatá*. Desta forma, o cacique Eduardo Werá poderia contar a história particular de sua família e da *tekoa*, ao mesmo tempo em que o “particular” se apresentaria “universal”, na medida em que é uma história com traços profundos, enraizados em sua cultura tradicional. “*Ore retarã ypykuery*, nossos parentes originários, através da sabedoria espiritual e da revelação de *Nhanderu*, andaram pela beirada do Mar. Onde ficavam, formavam *tekoa* e davam nomes aos lugares” (Popygua; Ekman, 2017, p. 46).

Em minha concepção, este direcionamento tornaria mais propositivo o processo de escrita do projeto, oferecendo repertório e referenciando, principalmente, o item sobre o “argumento” do curta-metragem, escrita obrigatória para a inscrição no edital. Ao mesmo tempo, isto tornaria o audiovisual mais atrativo também aos *juruá*, tanto àqueles que tivessem um conhecimento genérico sobre os povos indígenas quanto aos que estivessem familiarizados com os temas específicos da cultura tradicional Mbya-Guarani. Considerando alguns pareceres particulares de colegas e amigos e a repercussão geral desde o lançamento do curta documental, posso dizer que esta intuição se mostrou verdadeira.

Uma vez que o cacique Eduardo se mostrou receptivo à minha sugestão, fui me sentindo confortável, externa e internamente, em colaborar com o projeto além do que minha expectativa inicial de somente transcrever as ideias do cacique para uma formatação proveniente da nossa cultura escrita, inclusive mais afeita aos moldes acadêmicos, o tal do “padrão culto”. Este me parecia ser o limite natural de minha participação, que atendia a uma

demanda pontual, haja vista as dificuldades que membros de culturas de tradição oral geralmente encontram para inscrever projetos em editais. Mesmo que estes editais ofereçam política de cotas para indígenas e quilombolas, a ordinária obrigatoriedade do projeto escrito, e a formalidade que este requisito pressupõe, muitas vezes, exclui ou marginaliza de antemão a participação plena destes indivíduos e coletivos, que, por isto, às vezes, perdem a corrida antes mesmo da largada. Digo isto a partir desta vivência.

Voltando à conversa inicial sobre o projeto, tínhamos um ponto de partida para pensar um “pré-roteiro” para materializar a inscrição no edital sobre o curta-metragem. Desta forma, começamos a pensar sobre outros aspectos do projeto para ter uma noção geral. A questão imediata era a equipe técnica, que inclusive contava pontos ao projeto no edital. Perguntei ao Eduardo se ele conhecia quem trabalhasse com audiovisual na própria *tekoa* ou entre alguma parceria *jurua*, ao que ele me respondeu negativamente. Nisto, me convidou para participar e ajudar a contactar alguma parceria em potencial para a execução do projeto que, nesta altura, seria uma corrida “pra ontem”, devido ao prazo de inscrição que encerraria em poucos dias.

Por não conhecer a realidade específica da comunidade naquele período, não sabia ao certo quais eram as atividades culturais com as quais estavam engajados, de forma que considerava a possibilidade de existir um coletivo de cinema entre os membros da *tekoa*, como o que ocorre em algumas aldeias Mbya-Guarani. O próprio cacique Eduardo Werá participou do Comunicação Kuery, coletivo audiovisual Mbya, quando era mais jovem e vivia na Tekoa Porã, em Barra do Ribeiro, RS. Ele me relatou isso somente dias depois, horas antes de encerrar as inscrições, assim foi possível acrescentar este “detalhe” ao seu currículo para o edital audiovisual. De volta à nossa primeira conversa, comentei que meu irmão e minha irmã, Gustavo Cunha e Aruna Cruz, respectivamente, realizavam vários projetos artísticos juntos desde 2015, a maioria deles em audiovisual, e que, recentemente, haviam criado uma produtora chamada Fuzz Lab, e poderia contactá-los para apoiar o projeto, caso houvesse interesse e concordância por parte da comunidade. A proposta foi aceita por ambas partes, e, assim, nasceu a parceria entre a Tekoa Y’yrembé e a Fuzz Lab. Mais do que uma produção

coletiva, foi o princípio da amizade entre a família do cacique Eduardo Werá Ortis e a minha, o que proporcionava uma atmosfera bastante especial para este trabalho.

A partir desta parceria, foi possível elaborar outro projeto audiovisual paralelo para outra seção do edital, que previa menor financiamento, de forma que pensamos em temas específicos da cultura Mbya para realizar episódios audiovisuais bem curtos, independentes, em acordo com o recurso previsto. Posteriormente, foram alteradas as regras do edital, e somente um projeto foi contemplado por proponente, que, no caso, era o cacique Eduardo Werá. Desta forma, os temas que havíamos elencado para os vídeos curtos, tais como a relação entre *Ñanderu*, o Sol e o fogo na cosmologia Mbya-Guarani, a produção cerâmica na Tekoa Y'yrembé, a força xamânica do tabaco e do *petynguá* (cachimbo sagrado), a agricultura ancestral e a alimentação tradicional, as questões socioambientais da atualidade, foram incorporados ao roteiro do curta-metragem. Somaram-se ao principal aspecto da abordagem, o *jeguatá*, que sugeria uma caminhada pelo espaço-tempo através das regiões de São Miguel das Missões e da Barra do Ribeiro. O projeto foi aprovado, pela lei Paulo Gustavo, com financiamento de cinquenta mil reais (R\$50.000,00).

### **Do segundo caderno ao caderno de campo: “pingos nos is” iniciais**

Antes de prosseguir com o relato sobre as gravações do documentário, quero compartilhar sobre um aspecto importante de nossa primeira conversa, que foi a respeito de minha proposta de trabalho enquanto pesquisador junto à Tekoa Y'yrembé e, com isto, o diálogo inicial suscitado sobre as possíveis relações estabelecidas a partir de uma pesquisa etnográfica.

Minhas primeiras preocupações sobre o trabalho de campo eram fruto de minhas experiências de trabalho anteriores enquanto educador social, junto a diferentes pessoas e comunidades, a maioria em situação de vulnerabilidade socioambiental. Havia trabalhado como alfabetizador de jovens e adultos, redutor de danos/educador social, facilitador de arte e cultura no ProJovem, em diferentes cidades que vivi, e, desde 2022, sou educador de sociologia no curso pré-universitário popular Fênix em Rio Grande. Estas práticas vinculadas à educação popular formataram meu entendimento sobre a importância de contribuir de algum modo junto à população acessada pelo trabalho social e educativo, refletindo igualmente

sobre o ambiente de pesquisa. Por ocasião das condições de minha aproximação junto à Tekoa Y'yrembé, havia um contexto fecundo para este engajamento. Expus esta perspectiva ao cacique Eduardo, que se mostrou satisfeito sobre este intento e salientou que estas redes e alianças são importantes e proporcionam oportunidades de trocas que reforçam os vínculos junto a parcerias, gerando verdadeiras amizades para a vida.

Sobre a perspectiva epistemológica em relação ao trabalho de campo, esta questão é frequentemente discutida no NECO-FURG. Isso constitui as chamadas “epistemologias ecológicas”, ou seja, novos materialismos que partem de problematizações conceituais sobre as fronteiras científicas delimitadas, muitas vezes, pela dualidade entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade, corpo e mente, sujeito e objeto (Carvalho; Steil, 2014).

Estes movimentos têm relação ao que é chamado de “virada ontológica” e reflete inúmeras questões pertinentes ao campo da antropologia e da arqueologia, bem como dos atravessamentos transdisciplinares na educação ambiental. Buscando não reproduzir a relação, sutil ou não, colonial “sujeito/objeto” de pesquisa, estive atento, o mais que pude, às considerações do cacique Eduardo a respeito de sua experiência junto ao meio acadêmico. Destas, dois pontos me chamaram bastante a atenção: enfatizava diferença entre conhecer o povo Mbya a partir de livros ou ir buscar este conhecimento diretamente na *tekoa*; o ceticismo percebido algumas vezes em relação aos temas da cultura e, principalmente, da espiritualidade Mbya-Guarani.

Sobre o primeiro ponto, as falas do cacique Eduardo Werá a respeito da diferença entre conhecer a cultura e a realidade Mbya-Guarani através da bibliografia etnológica e de aprender este conhecimento a partir de uma experiência junto ao povo Mbya, foram o meu primeiro impacto fundamental. Como mencionado anteriormente, uma situação que adiou minha primeira visita à aldeia foi por não considerar suficiente meu conhecimento etnológico sobre o povo Mbya-Guarani para poder estar em campo e, talvez, estabelecer uma “conversação satisfatória”. Mas, afinal, o que seria isto? Uma primeira ida à campo com a missão cumprida de voltar para casa repleto de “dados etnográficos”? Tal concepção, hoje, me soa ao mesmo tempo ingênua e interesseira, até colonial, na medida em que existia nesta

mentalidade, também, uma ansiedade por informações consumíveis dividindo espaço com o ato de aprender junto.

Isto me fez recordar das lições que tive através dos trabalhos enquanto educador social, que aquelas experiências não só transformavam as respostas, mas, principalmente, as perguntas que me fazia sobre temas como sociedade, ambiente e educação. Entretanto, a maioria de minhas pesquisas acadêmicas anteriores eram bibliográficas, com minhas atividades de educador social caminhando em paralelo. Ter tido a oportunidade do esquecimento temporário e parcial destas lições e reativar estes aprendizados a partir do parecer do cacique Eduardo, no ato do primeiro contato em campo, foi a vida me escancarando que até o que a gente pensa que está dado, apre(e)ndido, na verdade está acontecendo, e é preciso exercício.

O segundo ponto era sobre a questão dos temas da cultura e espiritualidade Mbya-Guarani ativarem um choque cultural em relação aos pressupostos da ciência moderna, reverberando, às vezes, no ceticismo por parte de alguns acadêmicos. A partir das experiências que tive desde diferentes contextos do xamanismo, e também do que é chamado de *neoxamanismo*, com *ayahuasca* e outras medicinas tradicionais, pude conceber aspectos cosmológicos, sobre ambiente e espiritualidade, de um ponto mais próximo à perspectiva dos saberes indígenas. Igualmente estou aprendendo a dosar sobre o falar de temas xamânicos em contexto acadêmico. Nem sempre é realmente oportuno. Aqui, também, as epistemologias ecológicas me proporcionam um território conceitual mais fértil em termos destas temáticas. Conforme Carvalho; Steil (2014),

As epistemologias ecológicas encontram no xamanismo ameríndio um ponto de convergência que relativiza os procedimentos e os protocolos das ciências modernas, naturalizados como prerrogativas exclusivas dos humanos e universalizados para todas as culturas. Ao mesmo tempo, ambos apontam para um ideal epistemológico que, longe de reduzir o ambiente à condição reificada de objeto, sem vida ou intencionalidade, vai em direção contrária: a da sua subjetivação (Carvalho; Steil, 2014, p. 167).

Além disso, embora a espiritualidade e o xamanismo fossem temas atraentes em termos de pesquisa, havia lido em Pierre Clastres (1990) e Aldo Litaiff (1996) que as abordagens a respeito da espiritualidade, a depender do contexto, poderiam gerar reações de

esquiva por parte dos Guarani. Nesta conversa com o cacique Eduardo Werá, ele me explicou que existe um certo limite no que diz respeito à expressão dos saberes ancestrais Guarani, existe a diferença entre os que saberes que devem ser compartilhados entre os Mbya para seu fortalecimento, e os que seriam razoáveis de ser comunicados aos *juruá*. De acordo com Watts-Powless (2017),

Cosmologias indígenas e a divisão euro-ocidental epistemologia-ontologia processam agência de forma diferente. Nossas cosmologias (e as teorias dentro delas) são rigorosamente diferentes e não podem ser separadas da matéria da natureza. Quando uma cosmologia indígena é traduzida através de um processo euro-ocidental, é necessária uma distinção entre lugar e pensamento. O resultado desta distinção é uma interpretação colonizada de ambos, local e pensamento, onde a terra é simplesmente pó e o pensamento é possuído apenas por humanos. Se operacionalizamos esta distinção, nós, como pessoas indígenas, nos arriscamos a desacreditar de nós mesmos. Mesmo entre nós pode ser fácil esquecer que a nossa capacidade de falar com a terra não é apenas um eco de um conto mítico ou parte de um código moral, mas uma realidade (Watts-Powless, 2017, p. 269).

Haja visto o histórico colonial pelo qual os Mbya-Guarani, e diversos povos autóctones do mundo inteiro, foram submetidos em contínuas missões de cruz e/ou espada, visando o esvaziamento de seus fundamentos cosmológicos, esta postura defensiva de resistência é mais que justificável.

Tendo pontuado alguns aspectos do diálogo com o cacique Eduardo Werá sobre algumas orientações do trabalho de pesquisa, voltaremos ao relato sobre as gravações do curta-metragem.

### **Gravações na Tekoa Y'yrembé**

As gravações na Tekoa Y'yrembé ocorreram entre 30 e 31 de março de 2024. Ao primeiro dia, chegamos na aldeia no início da tarde. A programação era de registrar a horta, e demais plantios existentes na *tekoa*, e gravar uma fala coletiva a respeito da importância da preservação da cultura Mbya-Guarani diante das emergentes questões climáticas e do contexto relacional do povo Mbya frente à sociedade envolvente, intencionando gerar um depoimento de força e resistência para as próximas gerações. Outro desdobramento dos registros foi tomar imagens e sons da *tekoa*, em relação ao Sol, que *Ñanderu* entregou aos cuidados de seu filho *Kuaray* na cosmologia Mbya-Guarani, que foram programadas para

acontecer ao pôr-do-Sol. Este dia foi importante no sentido das relações. Fizemos uma refeição coletiva com os membros da aldeia, antes do início das gravações, e isto proporcionou uma aproximação não só de meus irmãos com a *tekoa*, mas também de minha parte, que, embora tivesse algum conhecimento junto ao demais moradores, vinha tendo um convívio mais próximo junto ao Eduardo Werá e a seu núcleo familiar. A Tekoa Y'yrembé foi extremamente receptiva e esteve engajada no processo do princípio ao final das atividades que realizamos.

No desenrolar das filmagens, foi possível registrar aspectos cosmológicos relacionados com os plantios, principalmente relacionado ao fortalecimento espiritual a partir da produção e consumo alimentar tradicional (Tempass, 2012). Para Guarani (2023),

A sabedoria do plantio, do cultivo, da colheita e do preparo é passada das pessoas mais velhas para as mais jovens. Os ensinamentos orais são transmitidos pelos Xeramõi (anciãos) e pelas Xejary (anciãs). Por meio deles aprendemos a nos relacionar com os poderes dos seres vegetais, que, com suas raízes, folhas, flores, sementes, cascas, frutos e cipós, curam e fortalecem nossos corpos e espíritos. A floresta é a farmácia viva de medicinas que nos mantêm em pé, por isso, quando nossos territórios ancestrais são invadidos e destruídos, perdemos a sustentação da vida (Guarani, 2023, s/ p.).

Sobre a roda de conversa em volta ao fogo, destaco as falas direcionadas às próximas gerações Mbya acerca da importância da ancestralidade no enfrentamento às condições climáticas alteradas, o reconhecimento da conservação das sementes tradicionais através dos ancestrais, bem como o próprio aconselhamento vindo dos mais velhos em termos de que haverá enormes catástrofes ambientais. A maior enchente da história do Rio Grande do Sul, ocorrida entre o final de abril e o início de maio de 2024, portanto, um mês após este registro, bem como tantas outras manifestações climáticas extremas ocorridas no planeta desde então, atestam a verdade das palavras que ecoam os saberes ancestrais deste povo.

O segundo dia começou cedo, bem cedo, pois o cronograma do roteiro previa registros anteriores ao nascer do Sol. Eduardo Werá, quando escrevemos o roteiro, me contou que tem o hábito de acordar pelas 4h e acender uma fogueira, pois, na cosmologia Mbya-Guarani, o fogo é uma manifestação do criador *Ñanderu Ñamandu*, nas palavras do cacique Eduardo, “são a mesma energia”. Deste modo, seguiu-me explicando que fazer fogo antes do

amanhecer é visto como um sinal de respeito e devoção ao criador do Universo, fortalecendo a chegada de *Ñanderu Ñamandu* e os próprios Mbya-Guarani se sentem conectados a esta força. Em oração, pedem por saúde e alegria a cada dia. Este ambiente proporciona reuniões ao redor da fogueira, logo, vão esquentar a água para fazer um mate, *ka'a*, e compartilhar sobre os sonhos que tiveram na noite anterior. Através da interpretação dos sonhos, terão uma noção de como será o dia, se é propício viajar, caçar, ir à cidade, receber visitas, se algo de bom ou ruim está por acontecer, dentre outras possibilidades (Pissolato, 2007; Tempass, 2012).

Por ser um curta do gênero documentário, o propósito era registrar o cotidiano como ele acontece, na medida do possível. Chegamos às 4h na *tekoa*, para registrar os primeiros movimentos ao redor da fogueira antes do amanhecer e, em seguida, ajustar a captação de imagens e sons ambientes para o nascer do Sol. Registramos a cena do Eduardo Werá à beira do fogo, explicando a relação existente entre o Sol, *Ñanderu* e o fogo, *tata*, na cosmologia Mbya-Guarani. A próxima tarefa era encontrar bons enquadramentos para registrar o amanhecer na *tekoa*, captando sons e imagens contemplativas, que pudessem ilustrar a fala do cacique Eduardo.

Em diversos momentos destes registros tivemos a oportunidade de sentar à beira do fogo e tomar mate junto daqueles que ali permaneciam, nesse dia conversei com Diana Pará'i e Jhonny Werá'i. Um dos momentos da conversa foi sobre as gravações a serem realizadas na parte da manhã, uma das cenas era sobre a cerâmica e o *petynguá*, o que abriu o assunto sobre artesanatos, esta troca permitiu que eles me mostrassem e comentassem sobre diferentes aspectos das artes que faziam. Também, tive a oportunidade de mostrar minha página de artesanatos, em macramê e pirografia, e percebi o interesse deles em minhas artes, especialmente, as que fiz com temáticas indígenas ilustradas por grafismos de diferentes etnias. A partir de interesses em comum, encontrei uma forma satisfatória de principiar assuntos sobre temas geradores de pesquisa sem tornar o ambiente muito formal, como se fosse uma entrevista. Desde a primeira conversa com Eduardo Werá, até esta prosa que tive com Diana Pará'i e Jhonny Werá'i, estas trocas foram me aproximando no convívio para além da demanda de realizar o filme. Na sequência, demos continuidade ao processo dos registros.

Neste dia em especial, experienciamos o cotidiano da aldeia desde o início e fomos registrando conforme as atividades diárias iam aparecendo, após a roda de mate em torno do fogo, fomos acompanhar e registrar o preparo do *xipá*, um dos alimentos tradicionais Mbya - um bolo frito feito com farinha de milho ou trigo (Tempass, 2012). Havia amanhecido e foi feita outra fogueira em outro espaço, mais aberto, para esta função. Com o passar do tempo, mais membros da *tekoa* foram chegando, prevalecendo, novamente, uma atmosfera de coletividade muito forte. Neste momento da primeira refeição, percebi um cuidado coletivo em relação às crianças, que igualmente se mostravam bastante independentes entre si. O registro do feitiço do *xipá* contou com a participação de Diana Pará'i e Liliana Yva'i Martinez.

A finalização das gravações na Tekoa Y'yrembé tratou de registrar o trabalho que a aldeia desenvolve em torno da produção artesanal da cerâmica, especialmente em relação ao *petyngué*, propondo esta relação entre o artesanato tradicional e os usos xamânicos do cachimbo sagrado. A comunidade reuniu-se em torno dos movimentos do feitiço da cerâmica, proporcionando registros audiovisuais bastante satisfatórios. Estas práticas registradas foram os primeiros preparos do barro, que foi coletado pelos membros da *tekoa* no interior do município de Rio Grande, até a modelagem realizada de forma manual ou com o auxílio de uma faca de cozinha sem serrinha. Eduardo Werá havia aprontado quatro *petyngué* para realizar a queima da cerâmica; em seguida, foi feito o tingimento destas peças ao retirá-las do fogo, e imediatamente colocá-las em meio à grama cortada ainda verde. Estas cenas foram complementadas por um depoimento de Eduardo Werá sobre a produção em cerâmica realizada pela *tekoa*, em conjunto com um depoimento sobre os usos do *petyngué* pelos Mbya-Guarani, no qual mencionou a existência de um monumento de um *petyngué* "gigante" no centro da *tekoa*.

Destaco, nesses registros, uma produção de Ariel Kuaray Santa Cruz - uma escultura em argila reproduzindo a *Tava* (Casa de Pedra), para os *juruá* são as ruínas de São Miguel das Missões -, nos apresentando com uma possibilidade única de transição de capítulo, a da escultura feita na Tekoa Y'yrembé para a *Tava* em São Miguel. Aproveito a ocasião para fazer esta mesma transição, a seguir, trazendo o relato das gravações na região de São Miguel das Missões.

### **São Miguel das Missões, RS: andanças pelo espaço-tempo na região missioneira**

Em 04 de abril, eu, o Eduardo Werá, a Aruna Cruz e o Gustavo Cunha, viajamos até São Miguel das Missões para dar sequência às gravações do curta-metragem. Percorremos cerca de seiscentos quilômetros (600 km) até o destino. No caminho, fomos conversando sobre nossas expectativas quanto às próximas gravações, em intervalos de silêncio aproveitava para fazer algumas leituras de “Yvyrupa: A Terra Uma Só” de Timóteo Verá Tupã Popygua e Anita Ekman (2017) e conversar com Eduardo Werá, entre mates, sobre alguns temas que o livro me provocava e a pronúncia de algumas palavras que encontrava durante a leitura, ou diretamente no glossário.

Chegamos a São Miguel à tardinha. Quando anoiteceu, a convite do Eduardo Werá, fomos conhecer o espaço onde os membros da Tekoa Ko’enu, aldeia Mbya localizada no interior de São Miguel das Missões, ficam hospedados quando vão para a cidade vender o artesanato em volta da *Tava* e do Museu das Missões. Neste espaço, fomos recebidos por algumas mulheres anciãs, e haviam também outros adultos e crianças. Eduardo Werá contou sobre o motivo da nossa viagem e conversou sobre a época em que vivia na Tekoa Ko’enu. Ficamos por ali mais algum tempo, tiramos fotos para registrar nosso encontro, e fomos nos despedindo, para descansar e não atrapalhar o descanso do pessoal.

Na manhã de 05 de abril, fomos até Ijuí, a cerca de oitenta quilômetros (80 km) de distância de São Miguel das Missões, para conhecer o Museu Antropológico Diretor Pestana. Esta proposta foi feita por Eduardo Werá, que conhecia o acervo do museu e queria registrar este material para mostrar aos seus filhos através do documentário. Fomos recebidos pela equipe do museu, que se disponibilizou, integralmente, a nos apresentar o acervo em exposições relacionadas com a temática indígena, principalmente do Mbya-Guarani, bem como as peças conservadas no interior do arquivo museológico. Estes registros foram importantes para demonstrar, mesmo que implicitamente, esta relação entre a memória e a cultura, que está exposta nos museus e que, principalmente, está viva entre os Mbya-Guarani. Com exceção das peças antigas do museu, no setor dos artesanatos presentes no acervo, muitos ainda podem ser acessados na visitação às ruínas missioneiras, no próprio acervo vendido pelos Mbya na região. A transição no curta-metragem entre as imagens da exposição

museológica do Museu Antropológico Diretor Pestana e os registros dos Mbya vendendo artesanatos, em redor do Museu das Missões, expressam essa relação no audiovisual.

Durante a tarde, de volta em São Miguel das Missões, fizemos registros nos ambientes interno e externo do Museu das Missões e da *Tava* (Casa de Pedra), como os Guarani tradicionalmente se referem às ruínas de São Miguel (IPHAN, 2019). A proposta era documentar imagens das ruínas sob diversos ângulos, tanto o detalhamento das paredes quanto enquadramentos mais amplos, que atestassem as proporções daquela antiga Igreja barroca, construída com mão de obra indígena. Registramos imagens e depoimentos de Eduardo Werá desde o interior da *Tava*, contando sobre o significado e a história daquele lugar para ele, principalmente enquanto uma marca histórica deixada pelos Guarani do tempo de Sepé. Destaco que entre o povo Mbya, bem como entre os *juruá* que estudam a história missioneira, não existe consenso com relação a esta história e seus significados (Brum, 2006). Documentamos a perspectiva do Eduardo Werá. Durante as gravações, ele me contou que seu chamado para se tornar liderança ocorreu naquele lugar, quando uma atividade junto ao cacique José Cirilo Morinico o inspirou a fazer parte da luta pela resistência Mbya-Guarani.

No dia seguinte, 06 de abril, pela manhã, fomos até o *Ygua Porã*, conhecida também como “Fonte Missioneira”. O local também foi sugerido por Eduardo Werá, seu propósito era semelhante ao do registro feito na *Tava*, demonstrar a importância daquele patrimônio, que possui significados próprios para o povo Mbya, e depor a respeito do significado deste espaço enquanto memória da cultura Guarani, um legado dos ancestrais que trabalharam para construir o lugar e fortalecer a caminhada dos Guarani que viriam após. Para isto, foi gravado um depoimento de Eduardo Werá junto ao *Ygua Porã*, contando sua perspectiva. Outro aspecto importante era registrar a beleza da fonte em detalhes, o ambiente natural ao redor, para ilustrar o depoimento com estes recortes visuais. Os registros sonoros da água fluindo da fonte, recém saída do olho d’água, foram fundamentais para transmitir a dimensão sensorial neste lugar. Os sons da água no *Ygua Porã* também serviram, na montagem do curta, como elemento de transição para as cenas gravadas na Tekoa Ko’enu, mergulhando estes na forte correnteza captada desde o Rio Inhacapetum, que flui dentro do território da *tekoa*.

### **Gravações na Tekoa Ko’enu**

Após nos despedirmos do *Ygua Porã*, percorremos, aproximadamente, trinta quilômetros (30 km) de estrada de chão pelo interior do município de São Miguel das Missões até chegar na Tekoa Ko'enju. Essa comunidade é uma referência fundamental no âmbito do cinema Mbya. Na *tekoa*, fomos recebidos por Julio Karaí Benites, que Eduardo Werá conhecia desde os tempos da juventude, quando vivia na comunidade. Julio Karaí nos apresentou a Tekoa Ko'enju começando por uma caminhada até às margens do Rio Inhacapetum. Esse, também, é o nome dado à Reserva Indígena Inhacapetum, uma área de 236 hectares onde está localizada a Tekoa Ko'enju, com cerca de 180 membros da etnia Mbya-Guarani. Na ida para o rio, encontramos três adolescentes que estavam voltando juntos de uma caçada, um dos cachorros do grupo estava ferido, sangrando muito. Na sequência, foram feitos registros audiovisuais do rio, bem como de interações entre Eduardo Werá e Julio Karaí neste ambiente das margens do Inhacapetum.

Também, estivemos percorrendo a trilha ecológica que membros da *tekoa* apresentam para os visitantes *juruá*, de forma a desenvolver uma educação sobre a cultura Mbya e o ambiente da aldeia, na forma de turismo ecológico, proporcionando recursos para atender parte das demandas financeiras da comunidade. Na trilha, tivemos alguns encontros com a fauna e a flora típicas de uma *tekoa* Mbya, no caminhar, Julio Karaí, nos apontou uma planta de erva-mate, *ka'a* para os Mbya e *Ilex paraguayensis* para os *juruá*. Eduardo Werá alertou-me quando viu uma corticeira, *kurupika'y*, árvore que os Mbya utilizam para o feitiço das tradicionais esculturas de animais em madeira.

Outro elemento da cultura Mbya no ambiente da mata eram as armadilhas típicas presentes ao longo da trilha, chamadas de *mundepí* ou *mundéu* (Litaiff, 1996, p. 88). Delas, destaco uma armadilha para tatu, *xingyre*, que vimos no caminho. Impressionava pelo tamanho e engenhosidade, medindo, aproximadamente, 1,70m, era feita de galhos de árvores ou bambu, que são cravados na entrada da toca do tatu e vão afunilando para cima. Quando o tatu sobe pela armadilha, fica preso pelo afunilamento, conforme Julio Karaí e Eduardo Werá. Os depoimentos de Eduardo Werá e Julio Karaí explicaram sobre a importância do trabalho com a trilha ecológica no sentido de educar sobre a cultura e a realidade Mbya-Guarani e adquirir recursos junto aos *juruá*. Pissolato (2016) afirma que:

A despeito da variedade de situações de terras habitadas atualmente por grupos mbya guarani em contextos regionais diversos, marcados por tradições agrícolas ou extrativistas específicas, a presença mais ou menos intensiva do turismo, e, também, considerando diferenças importantes nos processos históricos de ocupação destas terras, a despeito disso, podemos dizer que, de modo geral, as populações mbya guarani que vivem no Sul e Sudeste do Brasil têm como um aspecto fundamental de suas economias, já há algum tempo, a relação com as cidades, seus habitantes e seus comércios (Pissolato, 2016, p. 106).

Eduardo Werá relatou sobre o período em que, junto de sua família, vivia na Tekoa Ko'enju. Ao final da tarde, assistimos a uma partida de futebol entre membros da *tekoa* e socializamos um pouco com alguns moradores da comunidade.

### **Gravações na Tekoa Porã**

Em 07 de abril, viajamos cerca de quatrocentos e oitenta quilômetros (480 km) desde São Miguel das Missões até a região metropolitana de Porto Alegre. No dia seguinte, percorremos sessenta quilômetros (60 km) até Barra do Ribeiro, em uma região chamada “Coxilha da Cruz”, na qual se localiza a comunidade Tekoa Porã, com trinta e cinco famílias Mbya em seu território, segundo o cacique Diego Kuaray. Esta era a aldeia na qual Eduardo Werá e sua família viveram antes de se mudarem para Rio Grande. O cacique Diego Kuaray Souza foi quem nos recebeu. Inicialmente Eduardo Werá nos apresentou, comentou sobre o propósito de nosso trabalho, então ambos conversaram sobre as coisas da vida desde que Eduardo Werá e Diana Pará'i, junto de seus filhos, deixaram a *tekoa*.

Tal qual o cacique Eduardo Werá, o cacique Diego Kuaray representa uma liderança jovem em sua comunidade. Esta é uma tendência comum entre os Mbya, devido às demandas e responsabilidades internas e externas à aldeia (em relação aos *jurua*), principalmente, em um contexto urbano ou próximo. Tradicionalmente, os antigos continuam ocupando as funções de liderança espiritual nas *tekoa*, a liderança política fica sob a tutela dos mais jovens. Foi o que ouvi do professor Martín Cesar Tempass, certa vez em que o encontrei na Tekoa Y'yrembé. O que considero uma realidade, a partir das conversas que tive com o cacique Diego Kuaray, e através da convivência com o cacique Eduardo Werá, que está sempre se movimentando em função das demandas da Tekoa Y'yrembé.

O cacique Diego Kuaray, após alguns mates, nos levou para conhecer a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental (EEIEF) Tekoa Porã, no interior da *tekoa*, no horário

em que as crianças estavam fazendo a refeição da manhã, a merenda escolar era *xipá* e suco. Conhecendo a escola e a comunidade escolar, comendo *xipá* e tomando mate, enquanto a equipe da Fuzzz Lab ia fazendo registros audiovisuais do espaço, pude conversar um momento com o cacique Diego Kuaray sobre a questão escolar na *tekoa*. Dentre algumas questões, ele me contou que a prioridade no momento é conseguir ampliar o nível da escola de Ensino Fundamental para Médio, devido às inúmeras dificuldades enfrentadas pelos adolescentes em um contexto educacional alheio à realidade indígena dos Mbya-Guarani.

Diego Kuaray também nos apresentou seu avô, que carinhosamente chamava de abuelo, *xeru* (pai) ou *xeramõi* (ancião, liderança espiritual), no decorrer desta apresentação. Adiante, o cacique nos apresentou a um cateto, porco-do-mato, que ele e sua mãe criam na *tekoa*. Nesta caminhada, trazia junto comigo “A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)” de Elizabeth Pissolato (2007), que tem a imagem de um porco-do-mato na capa. Este livro vem sendo uma de minhas principais referências. Por isso, foi bastante singular encontrar o cateto no contexto de uma *tekoa*. Foram feitos alguns registros do cateto e da interação dele com os caciques Diego Kuaray e Eduardo Werá.

Após, registramos a árvore cedro, *yary*, que Eduardo Werá plantou quando sua filha tinha um ano e vivia na Tekoa Porã. O cedro é uma árvore bastante estimada pelos Mbya, por suas qualidades na medicina tradicional e, principalmente, por sua importância cosmológica (Vera; Papá, 2023). Na presença do cedro, Eduardo Werá realizou um depoimento contando sua história pessoal com esta árvore, desdobrando aspectos da cultura Mbya em relação a ela, e realizando um apelo sobre o cuidado com as matas nativas e a importância de reflorestar as áreas que foram desmatadas. Ao final, o cacique Diego Kuaray nos mostrou sua casa tradicional, onde registramos uma foto junto ao nosso coletivo.

### **Pós-produção: edição e montagem, trilha sonora e legendas**

Após o retorno da região metropolitana de Porto Alegre para a praia do Cassino, tendo somado mais trezentos e vinte quilômetros (320 km) para a caminhada, e com imagens e sons devidamente capturados, as próximas tarefas eram fazer a edição e montagem do curta, gravar a trilha sonora para o filme, produzir as legendas em língua portuguesa a partir do idioma Guarani e, com isto, concluir as edições através das etapas de mixagem de som e

colorização de vídeo. Como mencionei, um mês após as gravações, grande parte do Rio Grande do Sul enfrentou a pior enchente de sua história. Este evento climático extremo afetou a muitos, com intensidades diferentes, mas afetou. Na Tekoa Porã, que está localizada próximo ao Guaíba, por exemplo, através de um vídeo que Eduardo Werá recebeu do cacique Diego Kuaray, se via a água correndo dentro da *tekoa* como se fosse um rio, com a altura da água acima dos joelhos, situação que os deixou ilhados por um longo período.

Nosso cronograma, que previa a volta às atividades do curta-metragem para o fim de abril e início de maio, foi adiado para o fim do primeiro semestre. Entre o fim de junho e a metade de julho, iniciamos o processo de selecionar imagens e sons capturados, considerando a relação destas com o conteúdo do roteiro. Após termos selecionado os registros de acordo com os capítulos que estabelecemos anteriormente no roteiro, fizemos os encontros seguintes realizando a montagem do documentário na ordem em que os capítulos estavam dispostos. A ordem prevista era de iniciar com as capturas do fogo e o amanhecer na Tekoa Y'yrembé, o “café da manhã” e o trabalho com a cerâmica, as cenas na *Tava* e nos museus, a Tekoa Ko'enju, a Tekoa Porã, as cenas sobre a horta na Tekoa Y'yrembé e, por fim, a roda de conversa ao final do dia na *tekoa*.

Este processo da edição e montagem foi realizado pelo Gustavo Cunha em sua residência. Neste período, fui algumas vezes com o Eduardo Werá até Pelotas, para acompanharmos a montagem. O auxílio do Eduardo Werá na montagem foi fundamental, pois o curta documental é falado em idioma Guarani e ainda não haviam legendas, de forma que Eduardo era nosso tradutor com relação ao que estava sendo dito nos depoimentos e conversações. Para a minha pesquisa, este período contribuiu bastante, entre estas caminhadas tive inúmeras oportunidades de dialogar com o Eduardo sobre o que vinha lendo e assistindo sobre os Mbya, também, sobre o idioma Guarani.

Em 31 de julho, foi a Tekoa Y'yrembé que veio até minha casa. Somente o Eduardo Werá e a Diana Pará'i haviam vindo algumas vezes, durante os dias em que trabalhamos juntos para inscrever o projeto e escrever o roteiro para o documentário. Para realizar a missão de produzir uma trilha sonora para o curta, contamos com apoio fundamental dos músicos, e irmãos de Diana Pará'i, Ariel Kuaray e Sandro Werá Santa Cruz, que promoveram a gravação

da trilha. Neste dia, dos moradores da Tekoa Y'yrembé vieram Eduardo Werá e Diana Pará'i com suas filhas pequenas, Ariel Kuaray e seu filho, e o Sandro Werá. O processo de gravação, mixagem e masterização sonora, foi realizado por Gustavo Cunha, que também me ajudou a improvisar minha sala/escritório em um estúdio. Os registros fotográficos e audiovisuais, que guardamos com muita gratidão, foram realizados pela Aruna Cruz e pelo filho de Ariel Kuaray.

Na formação musical, estava Ariel Kuaray com o violino, *rave'i*, Sandro Werá no violão, *mbaraka*, Eduardo Werá tocou percussão no tambor piano de candombe da Aruna Cruz, e eu toquei dois maracás, *mbaraka miri*, de meu acervo particular. No improviso, reinterpretemos três músicas tradicionais Mbya-Guarani, acompanhando o Ariel Kuaray que, pelo violino, sugeria os temas. Fizemos registros dos instrumentos sendo tocados individualmente. Duas canções foram encaixadas no curta nas transições de capítulo entre as cenas da Tekoa Y'yrembé e as da região missioneira, bem como a volta da Tekoa Porã para a Tekoa Y'yrembé, a terceira fez parte da trilha sonora dos créditos finais do curta documental. Os instrumentos isolados de Ariel Kuaray e Sandro Werá fizeram parte do documentário. Encerrando as gravações, almoçamos e confraternizamos por mais esta etapa vencida.

A próxima tarefa era a produção das legendas em língua portuguesa desde o idioma Guarani. Para realizar esta atividade, contamos com o importante trabalho da Nadine Brum da Rosa e do Ralf Ortega Vera Poty, que somaram seus conhecimentos junto ao nosso projeto. Sugeri os nomes deles a partir do contato que tive nas aulas particulares do idioma Guarani, que fiz de modo virtual com a Nadine, desde maio de 2024. Ralf Vera Poty é um reconhecido cineasta Mbya-Guarani. Nadine, que tem a língua portuguesa materna e fala o Guarani fluentemente, também tem um amplo conhecimento sobre a cultura Mbya-Guarani. Atualmente, ambos vivem na província de Misiones, na Argentina. Tendo consciência de que a produção das legendas seria um trabalho à parte, entre agosto e setembro, resolvemos as questões burocráticas sobre a alteração no orçamento para liberar o recurso para a remuneração sobre a elaboração das legendas, que foram entregues no mês de outubro.

Em novembro, nos encontramos em Pelotas para fazer a edição final das montagens, uma vez que todas as etapas anteriores foram sanadas, principalmente a questão das legendas, que eram importantes para bater o martelo sobre a relação entre imagem, som e

texto. Nesta etapa, foram necessários poucos ajustes, pois, como mencionei, Eduardo Werá contribuiu pontualmente nos explicando o tom dos depoimentos e das conversações, para que pudéssemos trabalhar na montagem dos sons e imagens de acordo com o texto que apareceria na legenda. Com a finalização do curta-metragem, os trabalhos de mixagem de som e colorização de vídeo, bem como a maioria dos preparativos para a divulgação da estreia do audiovisual, foram realizados pela Fuzzz Lab, de forma que não vou me estender no relato porque não tive participação. Neste entremeio, fiquei responsável, principalmente, por escrever a *release* e a sinopse do curta documental.

Nas próximas páginas, descrevo brevemente sobre o processo de divulgação e a preparação para o lançamento do curta-metragem documental, sobre a repercussão entre os meios de comunicação e o público interessado, bem como algumas de minhas impressões pessoais sobre este trabalho. De forma que, posteriormente, me encaminho para as considerações finais deste escrito.

### **“Y’yrembé: Das Missões ao Rio Grande”**

O processo de divulgação mais intenso do curta-metragem se deu em dois momentos principais. O primeiro ocorreu através de três vídeos-curtos produzidos pela Aruna Cruz, lançados no início de abril, registrando os bastidores das gravações do documentário, divulgados originalmente na rede social *Instagram* da Aruna e da Fuzzz Lab, marcando os demais membros do projeto na publicação. Foi noticiado pelo Comunica, portal de notícias da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), em 10 de abril, pelo fato das gravações junto ao Museu Antropológico Diretor Pestana.

O segundo momento da divulgação foi em dezembro, na semana de lançamento do curta documental, em 14 de dezembro de 2024, no canal da Tekoa Y’yrembé no *YouTube*. A estratégia era a de iniciar a divulgação através de postagens no *Instagram* “doc.yyrembe”, página criada para o curta-metragem. Foram realizadas postagens diárias do dia 10 de dezembro até a data do lançamento. A identidade visual, bem como o *design* do cartaz e dos materiais de divulgação foram produzidos pela Aruna Cruz. O *trailer*, elaborado pelo Gustavo Cunha, foi lançado dia 11, no canal do *YouTube* e no *Instagram*. Posteriormente, foram

realizadas outras postagens mais espaçadas no tempo, para reforçar o convite para prestigiar nosso trabalho recém-lançado.

Da imprensa local de Rio Grande, destaco o apoio do grupo Camareu Rede de Notícias e do Papareia News na divulgação do lançamento, e a entrevista que participamos junto ao programa Paralelo 30 da rádio da APTAFURG. Nesta entrevista, o Eduardo Werá e eu, estivemos, durante uma hora, dialogando sobre as vivências que atravessaram a produção do curta documental, muito do que foi escrito aqui está expresso nas minhas falas e nas de Eduardo Werá ao longo da conversa, disponível em vídeo no *YouTube*. O portal Ecult, de Pelotas, realizou uma divulgação sobre o lançamento no início de janeiro de 2025.

Academicamente, dois dias após o lançamento do curta-metragem, recebi o convite, juntamente com o Eduardo Werá, do Prof. Dr. Martín César Tempass, a exibir o curta-metragem e a conversar sobre este trabalho no dia 22 de janeiro, na disciplina de “Etnologia Indígena” do curso de Graduação em Arqueologia da FURG. Foi uma tarde especial, com exposição de artesanatos Mbya-Guarani na Universidade, por parte de Eduardo Werá e Diana Pará’i, e boa presença por parte de educadores e educandos da FURG, parceiros da *tekoa*, contando, inclusive, com as filhas dos autores deste escrito, que estiveram atentas ao documentário e ao ambiente.

O trabalho está passando por processos de inscrição do curta documental em festivais regionais e nacionais de cinema, indígenas ou não. Através do apoio da Cecília Tres e da Lissette Torres Arévalo na elaboração das legendas em língua espanhola, o curta-metragem está sendo submetido, também, a seleções para integrar festivais internacionais de outros países latino-americanos.

### **Considerações para continuar caminhando...**

Neste escrito, busquei compartilhar minhas impressões pessoais sobre o processo de participar enquanto pesquisador, roteirista e diretor, junto ao cacique Eduardo Werá Ortis, do curta documental “Y’yrembé: Das Missões ao Rio Grande”. Nesta ocasião, optei por escrevê-lo solo, para ter espaço o suficiente para expressar estas vivências enquanto um relato pessoal e introspectivo. Por outro lado, fui convidado (e aceitei) produzir escritos futuros em parceria com Eduardo Werá. Assim, teremos a possibilidade de aprofundar percepções sobre as nossas

vivências, através de nossas caminhadas em comum. A escrita destas experiências me oportunizou rememorar, olhar para os acontecidos com outra presença. Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo Rio Inhacapetum. Nas reflexões, busquei trazer percepções sobre processos que tive, o aprendizado que aquelas situações me sugeriram, na medida em que aqueles movimentos aconteciam. Foi uma câmera na mão, uma ideia na cabeça e o Guarani no coração, parafraseando Glauber Rocha e Moacyr Scliar.

No início desta trajetória, minha interpretação a respeito do trecho de Roy Wagner, citado na introdução do escrito, enfatiza a singular insegurança de iniciar um trabalho de campo em um ambiente e cultura desconhecidos. Neste movimento, pude encontrar outras possibilidades enfáticas sobre a mesma citação, que, agora, não parece ser a mesma. Sim, “é preciso ‘ver’ a cultura em torno de si” (Wagner, 2010, p. 31), para afinar a percepção sobre este povo caminhante, suas experiências e modos de viver, angústias e esperanças. Conhecer a “realidade” da qual o cacique Eduardo Werá sempre fala, e, quem sabe, articular outros propósitos para continuar caminhando.

A oportunidade de conviver na Tekoa Y’yrembé, por mais de um ano, mas com a intensidade que o trabalho propôs, movimentou alguns passos mais próximos em relação aos aspectos fundamentais da cultura Mbya. Foi valioso ter atravessado o Rio Grande do Sul ao lado de meus irmãos, Gustavo Cunha e Aruna Cruz, e do cacique Eduardo. Uma experiência única, que proporcionou bons momentos e aprendizados. Encerro esta etapa escrita agradecendo a tudo e a todos que fortaleceram de alguma forma para que esta caminhada pudesse ser feita da melhor forma. Ao modo do povo Mbya: *Ha’eveté!*

## Referências

BRUM, Ceres Karam. **Sepé Tiaraju missioneiro**: um mito gaúcho. Santa Maria: Pallotti, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-83, 2014.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

GUARANI, Jerá. Mbaraete Reko Rã'i. **Mandala Lunar**, 2023. Disponível em: <https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/mbaraete-reko-rai/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tava**: lugar de referência para o povo guarani. Brasília: IPHAN, 2019.

LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras**: identidade étnica dos guarani. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

MARTELLO, Juliana. **O Jeguatá e a etnofloresta Mbyá Guarani**: a Educação Ambiental caminhando junto dos saberes indígenas. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – PPGEA, FURG, Rio Grande, RS, 2023.

OLIVEIRA, Daciene de Paula. **Outras culturas outras naturezas**: Educação Ambiental, vivências e resistências Mbya-guarani, na Tekoa y'yrembé em Rio Grande/RS. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – PPGEA, FURG, Rio Grande, RS, 2021.

PISSOLATO, Elizabeth. **A duração da pessoa**: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: Editora UNESP; Instituto Socioambiental; Rio de Janeiro: NuTI, 2007.

PISSOLATO, Elizabeth. Trabalho, subsistência e dinheiro: modos criativos na economia mbya (guarani) contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 22, n. 45, p. 105-125, jan./jun. 2016.

POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã; EKMAN, Anita (rg.). **Yvyrupa**: A Terra Uma Só. São Paulo: Hedra, 2017.

TEMPASS, Martín César. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani**: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.

VERA, Anai; PAPÁ, Carlos. Jeroky, a dança do broto. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, edição especial Vegetalidades, p. 132-141, set. 2023.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WATTS-POWLESS, Vanessa. Lugar-Pensamento indígena e agência de humanos e não humanos (a Primeira Mulher e a Mulher Céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 250-72, 2017.

**Y'YREMBÉ:** Das Missões ao Rio Grande. Direção: Eduardo Werá Ortis e Leonardo Cunha.  
Produção: Tekoa Y'yrembé e fuzzz lab. Rio Grande, 2024. 33 min. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Bs6efEkVwFY>. Acesso em: 22 mar. 2026.

*Submetido em: 13-04-2025*

*Publicado em: 10-04-2026*